



PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES DO BRASIL: os Fanzines e Revistas Alternativas

por Gazy Andraus¹

Resumo:

Este artigo quer salientar a importância social que o objeto fanzine tem delineado no Brasil (e conseqüentemente no mundo), como propulsor e moldador imprescindível de intercâmbio e cultura geral nas sociedades contemporâneas. Um fanzine ou revista independente é uma publicação de grande influência alternativa no Brasil e no exterior, servindo como veículo comunicacional e como meio de divulgação de idéias, quer sejam na forma coletiva ou isoladas, funcionando como laboratório para futuros jornalistas, escritores, poetas e quadrinhistas, e também como único meio mais acessível de se promover autores de HQs que talvez jamais veriam seus trabalhos publicados nas editoras comerciais. Neste artigo, mencionar-se-ão alguns dos principais elementos que fizeram (e fazem) a história dos fanzines e revistas alternativas do Brasil.

Palavras-Chave: Fanzines; Publicações Alternativas; HQs

Abstract:

This paper wants to emphasize the social importance that the object fanzine has delineated in Brazil (and consequently around the world), as an essential propeller and molder of interchange and general culture inside the contemporary societies. A fanzine or independent magazine is a publication of large alternative influence in Brazil and foreign, serving as communicational vehicle and as a better accessible way to divulgate ideas, at the collective or isolated forms, functioning as laboratories for future journalists, writers, poets and comic writers, and also as unique form more accessible to promote authors of comic books that maybe never would see their productions edited through commercials publishers. In this article, it will be mentioned some of the main elements that have built the history of the fanzines and alternative magazines in Brazil.

Keywords: Fanzines; Alternative publications; Comics

¹ Gazy Andraus é doutorando em Ciências da Informação e Documentação pela ECA-USP Membro do NPHQ da ECA-USP e Bolsista do CNPQ.





""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!""

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

1. Os Fanzines e Revistas Alternativas

1.1. A gênese dos fanzines:

O início dos fanzines remonta à idéia da expressão humana, da comunicação em si, necessária ao homem, e mesmo à livre expressão. Há dois mil anos trás surgiu em Roma uma forma embrionária do jornal impresso: a Acta Diurna, um jornal escrito em tábuas brancas sob a orientação do imperador Julio César, que era fixado diariamente nos muros do Fórum. Trazia inicialmente informações do governo para o povo, e posteriormente "elas foram ficando mais apetitosas. Começaram a falar de casamentos, de mortes, de divórcios, de algum acidente ocorrido com gente importante, dos espetáculos do circo, etc." (INCONTRI: 1991, p.17). Como se vê, este tipo de "jornal" obviamente não possuía uma vertente de livre expressão, pois no início era atrelado ao imperador de Roma, que também possuía um magnífico serviço de correios entre suas estradas e cidades.

Na Idade Média surgiu um tipo de jornalista-repórter, que era o trovador, que cantava além de belos poemas de amor, fatos e gozações críticas sociais e políticas. Naquela época, apenas uma pequena parte da população sabia ler: o clero, que copiava os textos religiosos manualmente em livros imensos de difícil manuseio. Em 1335, Carlos VI, rei da França, proíbe na livre expressão desses trovadores, inserções acerca de tudo que envolva o reinado e seu governo: é o braço da censura, desde tempos pretéritos até hoje em muitos países.





Até esta época, quando havia leitura de algum texto, esta o era feita em voz alta, pois não havia o hábito de se ler mentalmente, principalmente porque a maioria era iletrada, e também devido aos textos não terem espaços entre suas palavras, o que pedia uma atenção especial daquele que fosse incumbido de ler.

Ao término da Idade Média, e com o surgimento do que se convencionou chamar de Renascimento, as cidades estavam maiores e mais populosas, e com o comércio em crescente expansão por volta de 1350 a Europa começou a ampliar seus sistemas de comunicação, propulsionando os correios, de incentivos particulares. Mais tarde, por volta de 1500, quando os correios passaram a ser comandados pelos governos, a população civil pôde se comunicar com cartas pessoais, que traziam informações familiares, de amigos, e novidades de suas terras natais a outras cidades e países da Europa.

Pode-se detectar aí, a epigênese do fanzine (e jornal): em "Veneza, a cidade-berço do jornal" (INCONTRI: 1991, p. 24), foi o local que a Gazeta² foi disseminada, pois ela funcionava em concomitância com os envios de cartas pelos correios. E alguns trechos de conteúdos destas cartas, que traziam novidades e curiosidades de vários assuntos, eram passados a limpo e copiados à mão em várias cópias que por sua vez eram vendidas nas ruas.

Como os jornais pressupõem uma periodicidade, variedades de notícias e assuntos atuais, pode-se dizer que estas cartas (gazetas), que vinham pelos correios, possuindo tais qualidades, faziam a vez dos jornais que existem atualmente, mas também podem guardar certas semelhanças em sua metodologia às publicações alternativas, como os

² Gazeta é um termo que pode ter sido dado por causa de uma moeda usada em Veneza, que era o preço deste "jornal", ou então a algazarra que faziam os vendedores dele, tal como os sons de um pássaro: a gazza. (INCONTRI, 1991)





fanzines, contendo assuntos diversos, que podem ser manufaturados e fotocopiados, e então "passados" de mão em mão.

Na Idade Média, os livros eram escritos à mão pelos copistas, e havia a inserção de muitas ilustrações (Iluminuras) muito bem trabalhadas artisticamente. Com o desenvolvimento da xilogravura e a xilografia, possibilitou-se um pouco mais a elaboração de cópias, mas foi depois com o advento dos tipos móveis de metal graças ao alemão Johann Gutemberg, que os livros, jornais e revistas começaram a ser mais acessíveis.

Porém, a utilização da prensa de Gutemberg para impressão de "gazetas" só foi feita muitos anos depois de sua invenção, pois pensava-se que sua utilização só poderia ser para fins nobres, logo, os livros apenas, já que os jornais-cartas eram descartáveis, além do que as monarquias e o clero vigiavam as tipografias, cerceando e coibindo a divulgação de idéias livres, que ainda transitavam manualmente pelas gazetas-cartas (os "jornais" e "fanzines" da época).

Assim, com as tecnologias melhorando a cada etapa humana, e com o advento da revolução industrial iniciada na Inglaterra, os jornais se espalharam pelo mundo, e, embora a imprensa em geral seja de caráter informacional, ela pode ter ligações governamentais que coíbam uma vazão mais democrática de suas notícias, quer pela TV, pelo rádio ou pelo jornal impresso³.

1.2. Os Fanzines e Revistas Alternativas:

³ Apesar de que este último possa ser considerado mais "livre" que os outros, pois não está atrelado à concessões do governo para que funcione, como nas duas outras mídias mencionadas, há agora a Internet, mais democrática e de certa forma, quase impossível de ser controlada: vide os sites pornográficos, e os vírus e hackers.





Dessa forma chega-se aos fanzines e /ou revistas alternativas, criados na década de trinta, nos EUA. O primeiro fanzine de que se tem notícia chamava-se "The comet", que era voltado para a ficção científica, tida na época como sublitteratura. A partir de então espalhou-se pelo mundo.

O termo fanzine⁴ é um neologismo advindo da junção de duas palavras inglesas: fanatic+magazine (revista do fã), criado na década de quarenta, bem depois da invenção do objeto (o próprio "fanzine"), e começou a ser amplamente utilizado nos anos 70 pelos jovens estudantes, para divulgação de trabalhos contra a ditadura e como contestação do sistema social vigente. Seria a contra-cultura ou mesmo o "underground" (movimento independente de tudo que diz respeito à cultura massificada ou de consumo, onde temos como figura principal nas Histórias em Quadrinhos ou HQs, o norte-americano Robert Crumb, o "papa" do movimento).

Esse veículo de comunicação alastrou-se pelo mundo inteiro, expressando idéias e informações adjuntas de um determinado assunto, de forma livre e independente, graças ao seu baixo custo, pois geralmente é rodado em fotocopiadoras⁵ (xerox) e divulgado através dos correios e, atualmente, pela Internet (os e-zines).

A similaridade da intenção do movimento fanzineiro com as atitudes dos trovadores da Idade Média e os gazeteiros de Veneza está intimamente ligada com a livre expressão, independente dos órgãos de censura (clero/monarquia/governo), o que atualiza os ditames dos corações e mentes dos seres humanos (pode-se até aventar um paralelo entre os fanzines e o Cordel, que ganhou em maio de 2001 uma exposição em São Paulo,

⁴ Também chamado de Zine

⁵ Muitos zines brasileiros começaram na época do mimeógrafo, passando depois para as fotocopiadoras.





capital⁶, pois, se o folclore é uma manifestação de cunho popular e tradicional, é bem possível que o Fanzine possa ser tido e pesquisado no futuro, também como um objeto folclórico comunicacional).

A imprensa alternativa no Brasil teve seu início nos anos 60, com o jornal Pif-Paf, cujos autores vieram a criar o famoso Pasquim, que teve colaboradores como Jaguar, Ziraldo, Henfil e Millôr Fernandes, entre outros artistas de expressão. Os fanzines surgiram no Brasil em outubro de 1965, com os boletins de histórias em quadrinhos. Foi nesta época que começaram a circular, entre os fãs, as pequenas publicações amadoras com as críticas e comentários sobre esta arte. Por fanzine, entendem-se as publicações amadoras reflexivas e críticas produzidas por fãs e dirigida aos apreciadores de determinada arte ou hobby (MAGALHÃES, 1993).

Até hoje os fanzineiros buscam movimentar o pop alternativo, combatendo a cultura padronizada, informando acerca de seus ideários, projetando em forma de textos, poemas, ilustrações, HQs, etc, o que lhes for possível, vertendo estas concepções em revistas alternativas e/ou fanzines.

1.3. Distinção entre Zines e Revistas Alternativas

Cabe aqui uma pequena diferenciação entre Fanzine e Revista Alternativa. Embora ambas sejam independentes, a primeira trata de assuntos pertinentes a determinados temas com artigos, textos, resenhas críticas sobre, por exemplo, cinema, quadrinhos, música, etc.; já a segunda traz em suas páginas trabalhos artísticos como HQs (histórias em quadrinhos), ilustrações e poesias além de outras criações. Tal classificação foi feita por

⁶ Exposição "Um Século de Cordel", evento realizado no Sesc Pompéia em São Paulo, SP, em maio de 2001, divulgado na Revista Época, ano III, n. 157, Globo: Rio de Janeiro, 21 de maio de 2001.





Henrique Magalhães, que se doutorou na França acerca dos fanzines, e lançou no Brasil o livro *O que é Fanzine* da Ed. Brasiliense, em 1993.

Mas é bem verdade que esta classificação, por vezes, pode não ser possível, pois há materiais publicados que misturam ambas, textos críticos e HQs, como apostilas explicativas governamentais de cunho social e de saúde, ou cartilhas destinadas a esclarecimentos ecológicos a membros de determinadas entidades e/ou público em geral.

Neste artigo frisa-se mais diretamente os fanzines brasileiros e seu caráter democrático, mencionando-se alguns dos autores que fizeram e/ou fazem um trabalho de mais consistência, seja como autores e/ou editores independentes.

1.4. Ocorrências:

Um fanzine, como dá a entender o próprio nome, é uma revista gerada pelo fã de determinado assunto, quer seja de cinema, de música, ou de poesia ou HQs (Histórias em Quadrinhos), que disserta acerca de tudo que pode obter de seu objeto de paixão, ou ainda, atualmente, um veículo de expressão e vazão do autor apaixonado por determinado gênero ou assunto, que não tem outro modo de divulgar suas idéias.

No Brasil, milhares de títulos têm inundado o circuito nacional. Muitos fanzines não passam do número dois, outros já estão há mais de vinte anos no ar, como é o caso do "Barata", de Santos/SP (fig.1); outros funcionam como auto-edições independentes (livros) de autores, como escritores que não são aceitos pelas editoras comerciais.

Em São Paulo acontece anualmente o HQMix, evento que premia entre outros, o melhor fanzine do ano e a melhor revista independente. Costumava haver vários eventos de fanzines no Brasil, como em Jaboticabal e Araraquara (Araraquarazine). Em Ourense, na





Espanha, também anualmente, é realizada uma exposição Mundial de fanzines e Prozines (termo que tenta dar um aspecto semiprofissional a alguns zines de concepção gráfica melhorada), além de Almada em Portugal. Já, na cidade de Poitiers, França, existe uma Fanzinoteca (Fanzinothèque de Poitiers) que reúne edições alternativas do mundo inteiro num acervo original. Inúmeros sites também existem concernentes a HQs (Histórias em Quadrinhos) e fanzines.

1.5. Veículo de HQs e propagador cultural

Costuma-se chamar de fanzine qualquer suporte de papel que contenha tanto uma como a outra publicação citada nos itens anteriores, para facilitar esta grande corrente de caráter libertário que se utiliza do correio como seu melhor modo de propagação (atualmente com a franca utilização da Internet, apareceram os mencionados e-zines que nada mais são que os fanzines eletrônicos, o que facilitou em muito a divulgação dos mesmos.).

Interessa frisar que, mesmo as HQs veiculadas pelos fanzines (ou mais especificamente, nas revistas independentes), passeiam por diversos gêneros, inclusive tendo caráter de vanguarda, de experimentalismo, pois o caráter anárquico dos também chamados zines permite tais experimentações.

Nas revistas alternativas independentes ou fanzines, seus autores/editores buscam espriar ideologias e filosofias, estimulando a produção cultural e revelando novos artistas, novos escritores e quadrinhistas, que, devido à forma competitiva capitalista exagerada que tomou o mercado editorial, jamais, em sua grande maioria, serão comercializados de maneira oficial (principalmente no Brasil, que tem o hábito de comprar HQs estrangeiras a preços mais baratos que pagaria pelas nacionais). Com isto, têm nos





fanzines, tanto seus autores como os possíveis leitores, um modo único de poder ver suas idéias circularem e serem vistas, já que, aos fanzineiros, caso se abstivessem da utilização de tal veículo, privar-se-iam de poder expressar qualquer idéia, o que fatalmente coibiria totalmente a relação autor/leitor, fadando ao extermínio todo um caminho de construção cultural social e limitando o leque de obras criativas ao rol das produções, pertinentes a somente aqueles poucos que são comercializadas oficialmente. Em outras palavras, só alguns poucos teriam o privilégio de ter circulando seus trabalhos, dependendo da aceitação de, por exemplo, determinado editor, em detrimento de muitos outros que jamais teriam tal chance.

A importância deste artigo referente aos fanzines justifica-se assim, também pelo fato de, por exemplo, muitos autores brasileiros de HQs autorais adultas (de temática reflexiva e filosófica), estarem publicando nestas revistas independentes, e que são muitas vezes auto-editadas, devido às editoras brasileiras não terem ainda percebido a importância (e existência) deste tipo e gênero de Histórias em Quadrinhos.

A respeito disso e concernente também às raízes do fanzinato, pode-se apontar o pintor e gravador inglês do final do século XVIII, William Blake, que foi igualmente poeta e artista:

"Para ver um mundo num grão de areia E um céu numa flor silvestre, Segure o Infinito na palma de tua mão, E a eternidade numa hora." Figura 2: Homo Eternus, vol.2

No posfácio da obra alternativa "Homo Eternus"⁷, atribue-se a Blake o pioneirismo dos Fanzines, pois ele editava seus álbuns, contendo textos próprios, ilustrados com gravuras pessoais, pintadas à mão, uma a uma, tal como eram feitas as cópias de livros sagrados na

⁷ ANDRAUS, Gazy. Homo Eternus. Co-Edição Edgard Guimarães e Gazy Andraus. 1993. Quatro tomos contendo HQs filosófico-místicas





Idade Média. De certa forma ele pode também ter sido o propulsor do fanzine autoral, e o "pai" de todos os autores (principalmente os injustiçados nacionais) que criam e divulgam seus fanzines, principalmente os que visam o público maduro.

É mister que se reitere nesta questão: as HQs para o público adulto, e seus autores, existem no Brasil, embora raramente se notifique tal fato na mídia em geral.

Os Fanzines e revistas independentes suprem tal lacuna.

Quiçá, futuramente, estas HQs, deixem de ser vistas como arte menor, como espera o autor norte americano já mencionado, Will Eisner.

Quanto a este fato, o mesmo autor, em entrevista a um jornal brasileiro, responde à questão quanto a uma mudança na forma de se ver esta arte:

Vai levar tempo. E vai depender da qualidade das histórias sendo contadas. Afinal de contas, houve um tempo em que o cinema era considerado lixo. Cantores de ópera se recusavam a participar de filmes porque consideravam uma forma de expressão menor. O problema é o que eu chamo de mentalidade escrava. Se te tratam como escravo muito tempo, você começa a viver como se fosse um escravo. As pessoas que escrevem HQs não pensam que são responsáveis. (...) Mesmo em convenções como essa, as pessoas me diziam até pouco tempo atrás que adoravam meu trabalho como desenhista. E eu só queria que alguém elogiasse minha história⁸.

É claro que Eisner estava se referindo ao mercado norte-americano, pois no Brasil, quase inexistem autores publicando oficialmente, e os "escravos" e "irresponsáveis", a que ele

⁸ BASTOS, Gabriel. In Will Eisner faz a história da Arte com emoção. Estado de São Paulo, 18/07/96, Caderno 2, p. D9.





se refere, se adequam perfeitamente também aos desenhistas brasileiros que servem de peões ao mercado saturado (de também peões) dos EUA.

Neste ponto, os autores brasileiros acabaram criando escolas em suas publicações alternativas, e muitos deles enveredam até hoje, imbuídos da mais sincera essência autoral e conscienciosa, a que Eisner se referia como qualidade necessária a um escritor/desenhista de HQs.

Na França, os fanzines são como laboratórios, onde os autores vão adquirindo maturidade. As editoras francesas, sabendo disso, costumam procurar no fanzinato, novos profissionais, editando projetos pessoais ao público.

Um grande crítico dos quadrinhos, o psicólogo norte-americano Fredric Wertham⁹, que na época macarthista lançou o livro *Seduction of Innocents*, fadando ao preconceito a maioria das HQs, taxando-as de perigosas à educação dos jovens, concluiu paradoxalmente em seu último livro *The World of Fanzines* (1973), que os fanzines eram construtivos culturais, conforme citado no artigo publicado na revista *Wizard*, n. 7, p.43, Globo: RJ, fevereiro de 1997: os "fanzines mostram uma combinação de independência que não se encontra facilmente em outras partes da nossa cultura" e (Wertham) acabou concluindo que "eles são válidos e construtivos. A comunicação é o oposto da violência. E toda faceta de comunicação tem um lugar legítimo". (William Christensen e Mark Seifert)

Isto fica em aberto para estudos posteriores; no momento satisfaz-se colocar o objeto Fanzine ou zine como veículo de comunicação propulsor cultural, principalmente no Brasil, necessitado de divulgação geral acadêmica, motivo pelo qual ele figura como objeto deste artigo.

⁹ Nota do autor deste artigo.





1.6. Publicações independentes Brasileiras:

Edgar Franco menciona no livro *As histórias em quadrinhos no Brasil: Teoria e prática*, organizado por Flávio CALAZANS, em seu capítulo: *Panorama dos Quadrinhos Subterrâneos no Brasil*, p. 52, que

Um dos primeiros fanzines do Brasil surgiu nos anos setenta, na FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). Seu nome era *Balão* e ele veiculava histórias em Quadrinhos em suas páginas. Revelou nomes como Luís Gê e os irmãos Caruso. A partir desse impulso inicial, os fanzines de quadrinhos proliferaram-se pelos quatro cantos do país e não pararam mais.

Edgar, na p. 54, menciona linhas (na verdade gêneros), como uma primeira forma de se catalogar os estilos de HQs encontrados nos zines:

§ Linha poético-filosófica HQs filosóficas de caráter experimental;

§ Linha Expressionista: traços nervosos, HQs que trazem o vazio e o deprimente como temática;

§ Linha Visceral-Macabra: HQs influenciadas pelos filmes de horror classe B, produzidos então a partir da década de 50 do século passado. Há citações nessas HQs de novos cineastas autores da literatura que influenciaram o cinema, como Clive Barker e Stephen King;

§ Linha Tradicional: grupos de novos quadrinhistas estrangeiros e nacionais que seguem as linhas de HQs tradicionais, seja no humor, na aventura, super-heróis, político, etc.





Aliás, o Brasil é muito mencionado em catálogos de exposições internacionais de fanzines, seja por sua grande participação, como também por sua qualidade.

Na verdade, os fanzines brasileiros, antes de serem impressos em gráficas ou fotocopiados, também tiveram sua fase de mimeógrafo. O fanzine santista Barata, que existiu por mais de vinte anos, foi publicado em seus primeiros números graças ao mimeógrafo, para depois seguir curso pela impressão em gráfica, no sistema de impressão através de uma chapa de cartão, sempre em preto e branco, mas com capas p&b impressas em papel cartonado colorido, dependendo do número. Ultimamente tem sido fotocopiado em menos quantidade de exemplares. Até o momento publicaram-se 26 números, e ela já foi catalogada na Biblioteca Nacional Norte-Americana.

Pretende-se agora listar alguns poucos "ousados" do meio dos fanzines, que contribuem culturalmente nacional e internacionalmente nesta arte tão mal pesquisada. São os autores e editores nacionais do meio alternativo: Edgar Franco, Glauco Matoso, Mutarelli, Flávio Calazans, André Diniz, Edgard Guimarães, Lacarmélio, Antonio Amaral, Henry Jaepelt, Henrique Magalhães, Marcatti, Wellington Srbek, Gian Danton, Laudo, Joacy James, Luciano Irthuum, Eduardo Barbieri (residente na França) além de muitos outros autores que também são profissionais antigos e contribuem incentivando, como : Shimamoto, Colin (falecido recentemente), Mozart Couto, etc.

Quanto a sites e e-zines (zines feitos para Internet), existem muitos, mas ressalta-se no momento um, criado pelo zineiro Joás Dias, que funciona como uma enciclopédia do fanzinato nacional: www.enciclozines.hpg.com.br.





Na Espanha (Galícia), temos Henrique Torreiro que é coordenador e organizador da "Xornadas de Fanzines", evento anual internacional de exposição e catalogação acerca dos Fanzines que ocorre em Ourense/Espanha.

Poder-se-ia continuar apontando dezenas, ou até centenas de autores brasileiros e sites. Mas isto seria uma tarefa que está muito além deste singelo esboço, que só se presta a apresentar um pouco do histórico e tão injustiçado mundo dos quadrinhos e fanzines. Autores já conhecidos no meio, como Shimamoto, ainda resistem bravamente em tal luta cultural. Outros que já se foram, como Henfil, Jaime Cortez ou Flávio Colin, persistem na memória dos atuais, motivando-os a continuar. Ivan Carlo, Antônio Amaral, Laudo, J. James, E. Franco e outros tantos sabem da responsabilidade que têm, a qual nada mais é do que auxiliar para uma educação futura, inculcando uma nova mentalidade nos leitores brasileiros, a que tenham uma madura visão para com esta "arma" cultural contra a tola ignorância de belos ignotos mundos criados a partir de imagens e textos, unidos num matrimônio de informação "anárquica" com lazer, que são as tão espezinhas Histórias em Quadrinhos, no Brasil, geralmente publicadas em Fanzines, veículos "populares" que tomam suma importância nos tempos atuais, principalmente graças à tecnologia digital, com os contemporâneos e-zines.

1.7. Diminuição da atuação independente no Brasil:

As publicações independentes têm perdido força nos últimos anos, e talvez tenha a ver com uma série de razões:

1) Mudança de suporte para a Internet (o acesso ainda não é tão vasto e fácil, como o correio postal);





2) Desânimo dos fanzineiros em continuar um trabalho que não parece ter mais a força que possuía de movimentação informacional e cultural e de troca de correspondência, já que antes em sua grande maioria utilizavam-se dos serviços postais do correio, e agora as permutas são em sua maioria através de e-mails. Embora aparentemente pela Internet este sistema acelere as correspondências, por outro lado, aos que podem acessar a rede virtual, ampliou-se em muito a quantidade de "cartas" a serem respondidas, tornando o caráter crítico mais rápido e superficial. Assim, os fanzineiros, propulsionados por outros trabalhos profissionais e/ou acadêmicos começam a diminuir suas produções. Os novos fanzineiros, abarcados pela Internet, passam a se utilizar mais deste sistema, e assim, não se atinge ainda uma mesma gama de membros como ocorria nos fanzines impressos, devido ao computador e conexão estarem ainda em fase de expansão. Estes novos zineiros parecem também estar menos preocupados com ideários e mais atarefados com o deslumbramento da tecnologia virtual, o que acarreta uma aparente superficialidade

3) Desta forma, a rede de conexão zineira parece ter diminuído em muito sua atuação e objetivo(s), como nas décadas passadas.

2. Considerações Finais

Se um fanzine ou revista alternativa, cujo início oficial data desde a década de 30 e 40, do século XX (embora como fora visto, remonta em idéia básica, desde os trovadores medievais ou ainda à Roma de dois mil anos atrás) pode ser tido como manifestação artístico-comunicacional de um segmento popular, tornando-se quase como uma tradição "obrigatória" principalmente para os autores de HQs no Brasil, a fim de poderem escoar suas produções, já que há carência de editoração oficial de HQs brasileiras, e se o fanzine se estende para outros países, ganhando espaços em mídias e eventos, tal como o Cordel,





e o folclore é uma manifestação de cunho popular e tradicional, é bem possível que o Fanzine também o seja, mesmo que de certa forma direcionado.

De qualquer modo, o objeto fanzine é mais do que digno de citação, pois é através dele que muitos podem fazer escoar suas idéias, bastando para isso boa vontade, papel, tesoura e cola, e pequenas tiragens por fotocopiadoras, baratas atualmente devido à popularização das máquinas de reprodução, ou ainda, atualmente, pela inserção dos e-zines, pela Internet.

Com isto, mesmo indispondo-se de editoras interessadas, o pseudo-autor pode se tornar um auto-editor e ver escoadas suas idéias "anárquicas" artísticas ou jornalísticas, tal qual o faz um escritor de cordel.

É neste ponto da livre iniciativa e liberdade de expressão que importa subsistir este artigo acerca dos fanzines como manifestação autoral e de livre imprensa.

Como se vê, a importância dos fanzines numa sociedade sempre em evolução é bem maior do que aparentaria em uma visão superficial e apressada. Ainda mais no Brasil, país que prescinde de uma consistência maior no tocante à publicação de histórias em quadrinhos: neste ponto é que, como se disse, coloca-se a importância do fanzinato como meio divulgador das produções brasileiras (e estrangeiras).





ALBERNAZ, Bia. *Almanaque de Fanzines*. Arte de Ler editora: Rio de Janeiro, 1995.

ANDRAUS, Gazy. *Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos* (ou: o Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas. Dissertação de Mestrado, UNESP: São Paulo, 1999.

_____. *Os Fanzines e Revistas Alternativas*. Folkcom 2002, Santos/SP.

_____. *Homo Eternus*. Co-Edição Independente de Edgard Guimarães e Gazy Andraus. 1993.

BARATA. *N. 15*, Santos-SP: 1979.

CALAZANS, Flávio. *As histórias em quadrinhos no Brasil: Teoria e prática*. Apoio Intercom/UNESP: São Paulo 1997.

CHRISTENSEN, William e SEIFERT, Mark. *A Ascensão da Besta*. Wizard, n. 7, p.43, Globo: RJ, fevereiro de 1997.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Seqüencial*. Martins Fontes: São Paulo, 1989.

FANZINETECA de PORTUGAL.

<http://geocities.yahoo.com.br/fanzinelandia/Fanzineteca2000.htm>

FANZINOTHÈQUE DU POITIÈRS. <http://www.fanzino.com/>

FEIJÓ, Mário. *Quadrinhos em ação: um século de história*. Ed. Moderna: São Paulo. 1997.





FRANCO, Edgar Silveira. *Hqtrônicas - Histórias Em Quadrinhos Eletrônicas:Do Suporte Papel À Rede Internet*. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Multimeios do IA da UNICAMP: CAMPINAS, 2001.

GARCIA, Lauro Lisboa e Beatriz Velloso. *Um século de Cordel in Revista Época*, ano III, 27 de maio de 2001, ps. 108 a 111.

IANNONE, Leila Rentroia & IANNONE, Roberto Antonio. *O mundo das Histórias em Quadrinhos*. Moderna: São Paulo, 1994.

INCONTRI, Dora. *Estação Terra: Comunicação no tempo e no espaço*. 1a. Edição. Col. Desafios. São Paulo: Moderna, , 1991.

LIMA, Joás Dias de. *ENCICLOPÉDIA DE FANZINES*.
<http://www.enciclozines.hpg.ig.com.br/index.htm>

Literatura de Cordel - *1o. Concurso Paulista*. Regulamento lançado por Companhia Paulista de Trens metropolitanos (CPTM) e a Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), 1991/1992.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. Ed. Brasiliense: SP, 1993.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Makron Books: São Paulo. 1995.

Revista Época, ano III, n. 157, Globo: Rio de Janeiro, 21 de maio de 2001.

Xornadas de Ourense. <http://www.xornadas-bd.go.to/>

